

VOZES FEMININAS DA LÍRICA NA PARAÍBA: A POESIA DE VITÓRIA LIMA

Olavo Barreto de Souza
(Universidade Federal de Campina Grande)

RESUMO: O projeto Vozes femininas da lírica na Paraíba (PIBIC/CNPq/UFCG - 2011/2012), coordenado pelo Prof. José Hélder Pinheiro Alves, vem mapeando a produção de poetisa paraibanas nos últimos cinquenta anos. Dentre as várias autoras a que se teve acesso nesta primeira fase, destacamos a poesia de Vitória Lima. Esta poetisa, em seu livro *Fúcsia* (2007) trabalha com uma lírica de reflexão sobre o cotidiano, a contemplação da vida e da natureza, bem como da experiência vivenciada. Fundamentado em Schneider (2005), Hissa (1999), analisaremos alguns poemas da poetisa chamando a atenção para representação da condição feminina atual, isto é, sobre o modo como a mulher contemporânea vai conquistando sua autonomia e assumindo seus desejos, seus projetos, sem abdicar de uma visão sensível sobre o mundo.

Palavras-chave: poesia paraibana, Vitória Lima, Fúcsia.

INTRODUÇÃO

O projeto *Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba* (PIBIC/CNPq/UFCG) tem feito um trabalho muito importante no levantamento das poéticas de muitas mulheres paraibanas que não possuem ampla visibilidade na divulgação de suas obras literárias. O estado da Paraíba possui um número significativo de poetisas com valor estético considerável, no entanto, o grande público ainda não apreciou dos belos versos que estas paraibanas manejaram nas escritas de seus livros, muitas vezes só conhecidos pelo meio acadêmico. Se conhecer a poesia paraibana escrita por mulher já é um desafio, conhecer a crítica sobre ela é caminhar sob o *quase* desconhecimento, salvo algumas resenhas aparecidas nos jornais em circulação no estado. Como nossas poetisas possuem pouca visibilidade, a crítica também não chegou de forma satisfatória a elas. Portanto, este artigo se propõe, dentre outros objetivos, estudar uma de nossas importantes poetisas.

Quando estudamos a poética feminina, percebemos que em relação aos homens, a visibilidade das obras escritas por mulher é de fato menor. Daí, chegamos a um questionamento muito importante neste estudo: por que as mulheres, e no nosso caso, as mulheres paraibanas possuem tão pouca visibilidade no âmbito literário? Mesmo com o grande crescimento de publicações femininas, quando se trata de antologias que reúnem poemas de autores contemporâneos, vemos ainda poucos poemas de mulher. A possível razão para isso deve-se à cultura androcêntrica, que por muito tempo silenciou a mulher. Mas, com muitos artifícios, a mulher se propôs escritora, usando em primeiro momento o verbo masculino para depois poder se sobressair com sua própria voz (Cf.: LOBO, 1999; SCHNIDER, 2005). Na Paraíba, possuímos um número considerável de poetisas. No

levantamento feito pelo projeto citado obtivemos a marca inicial de 24 autoras, com 41 obras catalogadas e este artigo é parte do resultado da investigação realizada neste projeto.

Ao fazer o levantamento dos nomes e obras das poetisas paraibanas, encontramos o nome de Vitória Lima. A escolha deste nome se deu pelo acesso ao seu livro *Fúcsia* — nosso objeto de investigação neste artigo. Publicado pela editora Linha D'água, trata-se de um livro cuja poesia elucida temas como a contemplação da vida e da natureza, a memória, a experiência feminina, dentre outros. Um lirismo sensível que percebe nas cores “das paletas dos jambeiros” a força da expressão dos sentimentos e percepções do mundo, levando nos poemas grande força imagética.

Além de trazermos à baila os elementos que compõem a expressividade poética de *Fúcsia*, analisaremos o tema da mulher e o seu significado em um dos poemas da poetisa, além de verificar outros temas em mais dois poemas. Para tanto, antes de chegarmos às análises, vamos apresentar um percurso histórico das mulheres, como forma de situar a produção de escrita feita por elas, do qual Vitória Lima, como uma das inúmeras representantes, faz parte do processo de consolidação da mulher no espaço literário. Por fim, nas considerações finais, propomos uma forma para que a literatura produzida pela mulher paraibana seja conhecida por parte do público. Esta forma refere-se à inserção, nas aulas de literatura, do contato com obras de poetisas da Paraíba para a iniciação dos alunos do ensino médio na leitura e análise do texto poético, lançando mão dos postulados preconizados pelas orientações contidas nos *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba*.

BREVE HISTÓRIA DA MULHER ESCRITORA¹

A mulher, desde os tempos mais remotos, se propõe como escritora. Pois, a necessidade de expressão e comunicação é intrínseca ao ser humano, e assim como o homem procura se expressar, as mulheres, também buscam a escrita, assim como eles, como meio de expressão artística. A primeira mulher escritora de que se tem notícia, foi uma poetisa suméria chamada Enheduana (2285-2250 a.C). Schüssler (2010, p. 10) afirma que esta poetisa:

Escreveu vários hinos e poemas a *Inana* e *Ishtar* abordando o culto, anseios, desejos e revoltas pessoais junto às deusas. Como ministra era a conselheira junto do governante e demais nobres de sua época, orientando e aconselhando de acordo com a vontade dos deuses.

Os textos de Enheduana, segundo Stevens (2009, p. 03), “(...) celebram sua relação individual com a deusa e são considerados pelos historiadores os escritos mais antigos produzidos por

¹ O texto que segue compõe parte do relatório final do projeto *Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba* (PIBIC/UFCG/CNPq) - 2011/2012.

uma consciência individual sobre sua vida interior”. Enheduana, além de ser uma poetisa, era uma sacerdotisa, mulher dotada de sabedoria. A época em que esta poetisa vive, corresponde a um tempo em que o modelo divino voltava-se para a mulher. E desde esse tempo, vemos a ligação da mulher com o sentimentalismo amoroso, pois a deusa Inana, cultuada pela poetisa, era uma divindade que trabalhava sua força cósmica na dimensão do amor e do erotismo, uma vez que as sacerdotisas dessa deusa eram consideradas “prostitutas sagradas” (Cf. SCHÜSSLER, 2010).

Na Grécia Antiga, continuando a história das mulheres escritoras, temos a poesia de Safo de Lesbos (séc ± VII – VI a.C), poetisa grega, mulher de cultura e humanidade. Mendonça (op. cit.) afirma que a poesia de Safo está permeada do amor e do erotismo, uma poesia em que o amor é contemplado por uma mulher “que sugere uma visão mais dinâmica desse sentimento” (p. 61), poesia transgressora que “transita do “sagrado” para o erótico”. Esse erotismo, de completude carnal, não é um sentimento outorgado a mulher, e assim considerado como algo profano. Por esse motivo a obra safiana será queimada publicamente nos tempos medievos.

Passando agora para Idade Média, a freira Hildegard de Bigen (séc. VIII) traz uma poética menos ousada em relação a Safo. Uma poesia marcada por viés religioso com temas propostos para o louvor a Deus. A visão impressa nessa literatura é de que o consentimento para escrever é legitimado pelo sobrenatural, uma vez que a necessidade de escrever se propõe por este. Já em contexto oriental, a poetisa japonesa Sra Sarashima (séc. XI), também em épocas medievais, não tem autonomia sobre seu próprio texto, e para publicá-lo usava o nome de seu pai, negando dessa forma o direito a manifestar sua identidade de escritora mulher. Neste mesmo século, Marie de France, rainha escritora, monta sua obra respaldando-se na figura de Deus como elemento legitimador de sua escrita. Neste caso, ainda o espírito de submissão da mulher ao discurso falocêntrico permeia a literatura, pois esta escritora constrói sua obra a fim das letras agradarem a opinião do rei, seu esposo.

Por fim, na renascença, Christine de Pisan (1405) demonstra uma mudança positiva no espaço que a mulher recebe em meios literários, extraíndo a visão monstruosa recaída sobre a imagem da mulher em outras épocas. No entanto, ainda aqui vemos o julgo do falocentrismo sob a escrita feminina, que durante a história foi tão forte, ao ponto de quando a mulher consegue se liberar dele, ainda se vê resquícios permeando a nova situação em que o feminino se encontra. Conotando nisso, um espaço de dúvida em transgredir ou permanecer nos valores tradicionalmente pregados, esta dúvida é resultado do grande julgo recaído sob a mulher através do tempo. (Cf. MENDONÇA, 1999).

A educação é fator imprescindível para a mudança de valores. É a través dela que se molda a sociedade em que vivemos. E na história da mulher, a educação será um elemento muito importante para a emancipação da classe feminina. A mulher que recebia uma educação humanizada e formal, com a produção de conhecimento, advinda desta educação, influenciava outras mulheres. Essa influência era constituída pela escrita de artigos que fomentassem a luta pela valorização do feminino. No Brasil, tivemos grandes mulheres que lutaram pelo direito à classe feminina obter acesso à educação. Enfatizavam em seus escritos que uma mulher educada formalmente, tinha muito a oferecer à sociedade. E por conta da investida dessas mulheres, as moças começaram a ser educadas em escolas especiais, mudando, de certa forma, o padrão de educação imposto para a mulher que se pautava, principalmente, na guarda do lar. Esse ideal patriarcalista, que confere a mulher o zelo pelo lar não é colocado de lado, mas junto a ele a mulher possui mais autonomia, no que diz respeito, a aprendizagem formal, como uma forma de qualificação. Sobre essa perspectiva, Duarte (1999) aponta três importantes escritoras brasileiras que com sua literatura foram responsáveis pela influência do novo modelo de educação para a mulher no Brasil, são elas: Nísia Floresta, Júlia Lopes e Maria Amália. Para tanto, Duarte (op. cit.) dispõe que cada autora tem centrada em sua filosofia o direito feminino a educação. A primeira, em sua obra percebe-se “(...) o firme propósito de formar consciências e de alterar a práxis social da época, no que dizia respeito às relações homem/mulher.” (p. 439). E nesse postulado, estava à educação formal e social como meio para atingir essa mudança. A segunda, Júlia Lopes, também se debruça sob a causa da educação como meio para o melhoramento da situação da mulher. Esta autora em especial, “(...) dedicou-se integralmente à atividade literária e merece ser considerada uma das mais profícuas e interessantes romancistas de seu tempo.” (p. 440). Por último, temos o destaque da escritora Maria Amália, “(...) cujos livros repercutiram vivamente entre as brasileiras, influenciando suas ideias e escritos.” (p. 440). Embora, estas autoras não tenham vivido em uma mesma época, ambas, em suas ideologias, possuem pontos de convergência, como o fato da educação ser um fator essencial para a formação de valores, e no caso da educação da mulher, um fator muito importante para a preparação do homem do amanhã.

Por fim, Mendonça (1999), ao tratar sobre a palavra enunciada pela mulher, nos afirma que o século XIX foi uma época no qual as escritoras se promulgaram com mais autonomia sob seus escritos e ideias, rompendo, por vezes, preconceitos recaídos sobre sua classe. Comentando sobre essa nova visão atribuída à mulher, Mendonça (op. cit.) cita duas escritoras em particular que comungam desse novo espírito permeado na literatura feminina: Nísia Floresta e Rachel de Queirós. A primeira, notadamente do século XIX, e a segunda

precisamente do século XX. A autora as situa como mulheres modernas, críticas do contexto histórico-social onde viveram. Nísia Floresta, se manifestando em crônicas e outros gêneros, a segunda além da crônica, trabalha com o romance propondo às suas personagens femininas um subvertimento da ordem patriarcal. De certa forma, Mendonça (op. cit.) dialoga com Duarte (op. cit.), ao apontar Nísia Floresta como uma das escritoras responsáveis para a nova situação da mulher no Brasil.

A emancipação da mulher se inicia com as investidas de muitas escritoras. No Brasil, Coelho (1989) ao tratar da literatura feminina brasileira e suas tendências atuais, monta um quadro que dispõe três momentos para a emancipação da mulher nas letras em terras brasileiras. Esse quadro refere-se à produção de escrita de criação feita por mulheres no século XX, e é construído de forma escalar, pois demonstra o processo de libertação da literatura feita por mulher, no que diz respeito à sua posição frente à sociedade patriarcalista. No primeiro momento, situado entre os anos 30 e 40 temos um tempo de conscientização ética com predominância no social, as escritoras começam a proferir em seus escritos as primeiras quebras com a tradição patriarcal, valorizando a intelectualidade feminina e a liberdade de escolha. Neste período há a predominância pelos temas amorosos como eixo da literatura produzida, algo que endossa a imagem da mulher construída pelo Romantismo. O segundo momento liga-se aos anos 40 e 50, um tempo de transição para a renovação da literatura escrita por mulheres. Neste período, as vozes na literatura buscam uma interiorização, ou seja, voltam para si, trabalhando temas que se voltam para o dia a dia, a realidade vivenciada. Nos anos 50 cresce a consciência acerca da realização da mulher, que para ser completa, deveria transgredir os moldes tradicionais do círculo amoroso entre homem/mulher. O terceiro momento, compreendendo as décadas de 60 a 80, inscreve-se com a consolidação da mulher renovada, liberta dos padrões patriarcalistas. O amor, nas linhas literárias, deixa de ser eixo, dando expressividade a temas existenciais, erotismo, entre outros. E esta fase representa a contemporaneidade da literatura escrita por punho feminino.

Sobre a história da mulher escritora, Mendonça (op. cit.) conclui ressaltando, sobretudo, que a mulher desde os tempos antigos caminha para uma nova condição social/profissional culminado hodiernamente. Mas ainda assim, não tem direito a universalidade, como afirma Schmidt (2006), pois sempre o modelo da noção de “sujeito feminino” se pauta na construção desse conceito a partir do modelo fálico, um modo de se conceber o feminino pela força patriarcal.

FALANDO UM POUCO DE VITÓRIA LIMA

A poetisa Maria das Vitórias de Lima Rocha, vulgo Vitória Lima, pernambucana radicada na Paraíba, autora de *Anos Bissextos* (1997) e *Fúcsia* (2007), ex-moradora de Campina Grande, residente hoje na capital da Paraíba, onde obteve a condecoração de cidadã pessoense concedida pela Câmara de Vereadores de João Pessoa, é graduada em Letras (Inglês e Português) pela UFPB, possui mestrado em inglês pela Universidade de Denver Colorado dos EUA, e em Estudos Shakespearianos pelo Shakespeare Institute, Universidade de Birmingham da Inglaterra. Professora universitária, já lecionou literatura na UFPB e hoje leciona na UEPB, com ênfase em estudos literários de língua inglesa.

O seu segundo livro de poemas chamado *Fúcsia* é bastante expressivo. Traz uma poesia que centrada na reflexão sobre cotidiano, uma poesia vivenciada. Com quarenta e nove poemas, sendo dois deles em língua inglesa, a autora trabalha com temáticas que se ligam a contemplação da natureza, a passagem do tempo, a experiência pessoal, o ser mulher; e sobre tudo, um olhar sensível para a vida.

O nome do livro remete a um tipo de cor, sinônimo da cor magenta. Um tipo de cor-de-rosa bastante viva, com tons arroxeados. Além da cor, a fúcsia é um tipo de flor, segundo o dicionário Houaiss, vulgarmente conhecida por *brinco-de-princesa*. Uma planta, assim como a cor, de bastante vivacidade. Ambas as informações se declaram análogas ao caráter de feminilidade presente na poética de Vitória Lima. Uma poesia que transita pela memória, sentimento, metalinguagem e contemplação da vida. Mas não um tratar dos temas de qualquer forma, pois a poesia de Vitória exprime um cuidado em versar o real, daquilo que está num mundo “sublunar”. A própria autora, ao iniciar a obra, traz uma epígrafe com uma citação do poeta carioca Carlito Azevedo que aborda a definição de poetisas que, em suas escritas, se interessam por “coisas menores, contingentes, do mundo sublunar, (...) Coisas com superfície que se possa tocar, cheirar” (p. 07). Sendo estas coisas “pedestres” que motivam a poesia desses poetisas, Vitória Lima faz o mesmo nas linhas de *Fúcsia*. Assim como a sua flor está com o olhar voltado para baixo, para o terreno, sua poesia se constroi pela sensibilidade devotada a um olhar pedestre, que traduz a experiência de forma autêntica e empírica.

Quanto à forma dos poemas, temos a predileção da autora por versos livres, bem como de poemas visuais, e utilização de formas gráficas peculiares ao seu estilo de escrita. Sobre essas formas, identificamos o uso do “&” para marcar duplas de palavras que exprimem antíteses, paradoxos ou simplesmente o encontro de dois elementos. Além deste elemento gráfico, é presente na obra, o uso do verso iniciado, em todos os poemas — salvo “Rodopio”, “Gato Pardo” e “Poesia”— com letra minúscula, o que de alguma forma se tem a impressão

de continuidade dos poemas, como se eles fizessem parte de uma cadeia que culmina com o último poema, de nome bastante sugestivo, “The End”. Os poemas de Vitória Lima, primam por certo minimalismo, pois vemos que muitos deles estão construídos de único verso, expressando uma única imagem. Como exemplo tem “Epifania”, poema que inicia a obra. A poetisa, além de se expressar em poemas lineares estabelecendo uma disposição canônica dos versos, se utiliza de construções poéticas pautadas em figurações, dispondo os versos de acordo com o que se quer exprimir. São exemplo disso os poemas “Rodopio” e “Na rede dos poemas”, o primeiro construído pela forma de um espiral; e o segundo, dispondo os versos em duas colunas alternadas indicando o movimento da rede.

Os poemas de Vitória são muitas vezes frutos de sua bagagem de vida, sobre isso, Ana Adelaide Peixoto (2007) afirma: “Vitória Lima, também construiu a sua poesia da matéria da sua própria vida”. A poetisa traz para a cena poética, além de outros aspectos, os traços da memória, como afirma Lau Siqueira no prefácio de *Fúcsia*: “Seu processo criativo parte quase sempre do olho da memória” (p. 12). Por isso, vemos traços memoriais em poemas como “Metros de Vida” e “Primeiro Beijo”; um tratando dos anos de vida do pai, o outro recordando o primeiro beijo em Campina Grande.

Uma poesia que trata do real. É assim que Vitória maneja expressivamente seu punho para uma escrita que preocupa poetizar o concreto sobre um viés, até mesmo, social. Assim notamos a essência do poema “Meninos & Ratinhos”, uma comparação que demonstra a condição sub-humana enfrentada pelos meninos de rua, que nas madrugadas de frio tentam se agasalhar.

MENINOS & RATINHOS

mais sorte têm os ratinhos:
que já nasceram prontos,
prontinhos,
casacos de pele,
agasalhos quentinhos.

No poema, o eu lírico demonstra um olhar reflexivo acerca a realidade social. Sobre os símbolos dos “meninos” e “ratinhos”, constrói uma relação de disparidade. Os meninos são destituídos de uma característica, que na sua situação de vida é essencial: o agasalho. Algo conferido aos ratinhos na seleção natural. As rimas se afirmam pelas palavras no diminutivo “ratinhos”, “prontinhos” e “quentinhos”, demonstrando a pequenez do animal, que embora seja indiferente ao ser humano, aquele possui uma qualificação atribuída ao seu próprio

agasalho, componente não possuído pelos “meninos”. Dessa forma, o animal passa de um plano de indiferença, para um de destaque.

O eu lírico ao atribuir a qualificação do animal, faz isso com o termo “mais sorte”, como se meninos e ratinhos disputassem algo. Outro ponto interessante está no título:, ambas as palavras estão no plural, no entanto, o termo “meninos” não está no diminutivo como “ratinhos”. “Meninos” são os de todas as idades, de todos os lugares, que em comum possui a infância como espaço da vida, marcados pela privação do seu direito de conforto. Maiores que os “ratinhos” no tamanho, mas indiferentes a eles na dignidade.

Vitória Lima trabalha também com a contemplação da natureza, destacando suas cores, assim como a cor fúcsia que “pinta & borda”² a vida e o tempo. Em “Manhãs de Novembro” vemos uma espécie de olhar deslumbrado com as cores das manhãs, cheias de sentimento.

MANHÃS DE NOVEMBRO

a beleza desta manhã de novembro
a t l a n t i c a m e n t e
me inunda
com seus verdes,
amarelos,
azuis.

O símbolo da manhã é algo que expressa o tempo no poema, um tempo que reflete a pureza da luz matutina, luz que irradia um sol representado pela cor amarela. Um sol que clareia o verde da natureza, e um azul infinito, pintando a tela de uma manhã sem fim. A poetisa utiliza um recuso visual bastante expressivo que dá o sentido do infinito, usando o “a t l a n t i c a m e n t e” para abarcar a grandeza oceânica de uma manhã de novembro. Vale lembrar que as três cores citadas no poema se referem às cores da bandeira do Brasil. Revelando que a contemplação que o eu-lírico propõe é de uma cena brasileira, uma manhã de vida que como ele mesmo afirma demonstra “beleza”.

Além da natureza, em *Fúcsia*, a autora abre espaço ao tema “mulher”. Para tanto, traz reflexão sobre a temática, dentre outros poemas, em “Mulher”. Uma composição que revela a inquietude do ser feminino frente ao seu corpo, enfrentando uma busca intensa pela perfeição estética.

² Trecho do poema “Fúcsia”, página 20.

MULHER

“redesenhada por hábeis cirurgiões,
não evitava o olhar já vivido, a melancolia
de quem não pôde operar os desgostos.”

Rosiska Darcy de Oliveira

anáguas,
anquinhas,
crinolina,
corpete,
cinturita
espartilho,
bico fino,
salto alto,
estilete,
(joanete)

desmaios
agonias
(ai, meus saís!)

anorexia,
bulimia,
aeróbica,
botox,
cera quente,
lifting,
peeling,
forno,
lipo,
máscara,
silicone.

ontem:
mulher objeto.

hoje:
escamoteável.

A mulher, símbolo da beleza, sofre com a busca da perfeição estética desde muito tempo. A procura pelo belo é fonte de um intenso desejo para a autoafirmação, no entanto, a busca por este ideal é dolorosa, refletindo uma ditadura que impõe modelos estéticos a serem seguidos. A mulher é um dos seres que mais sofrem com essa ditadura, pois é nela que sempre se espelhou o ideal de beleza. E sobre esse ideal doloroso, o poema “Mulher” propõe comunicar este fato que permeia a identidade da feminina.

Podemos dividir o poema em dois momentos: o primeiro refere-se à busca da beleza por métodos não incisivos. Transmitidos em elementos que servem para a vestimenta da

mulher. O segundo refere-se à busca da beleza por métodos incisivos, qual a “lipo”, bem como a aquisição de transtornos alimentares para definir a forma ideal. Elementos que interferem diretamente no corpo da mulher.

O poema formalmente se constroi como uma lista. Um elenco de dados, que juntos, fazem a mulher se moldar. Supostamente, os dois momentos do poema referem-se à mulher de “ontem” e a de “hoje”. A primeira, não possuía os métodos incisivos de hoje para adquirir formas, portanto, fazia uso de “anquinhas”, “espartilho”, “cinturita”... peças modeladoras do corpo feminino. A mulher de “hoje”, utiliza dos métodos da plástica estética para se moldar, algo como a “lipo”, o “silicone”, o “botox”... Mas também, a mulher hodierna adquiriu transtornos na sua alimentação, consequência para possuir um corpo magro, porém perfeito, e com isso temos a “anorexia” e a “bulimia”.

É interessante frisar, para a compreensão do texto, a epígrafe posta no início do poema. A frase é de Rosiska Darcy de Oliveira, ensaísta, jornalista e grande representante na luta pelos direitos da mulher no Brasil. Na fala de Rosiska, encontramos uma reflexão sobre o íntimo feminino, que em busca da beleza, se submete a várias mudanças redesenhando o seu perfil, porém, essas transformações não atingem o profundo da alma feminina, cheia de melancolia e desgosto. Dessa forma, a mulher continua insatisfeita e prossegue na procura pela beleza corporal. A marcação por vírgulas, e a disposição dos termos em lista no poema de Vitória Lima, principalmente na primeira e terceira estrofe, reflete a busca intensa por mais formas de modificar a beleza. Entre a primeira e a terceira estrofe, marcadas por esse movimento proposto pelas vírgulas, temos um estrofe sem pontuação. Esta estrofe demonstra a face dolorosa da busca pelo belo, um momento, embora cheio de fadiga, de descanso nesta busca. Mas, a mulher continua, e ainda com mais força, na terceira estrofe a buscar formas de redesenhar-se, porém nunca se contendo com sua imagem. Por fim, o desfecho: a mulher de ontem é um objeto, mas a de hoje é “escamoteável”, ou seja, a mulher de hoje projeta suas mudanças para ocultar a incompletude seu íntimo, cheio de imperfeições. E a forma mais fácil de camuflar o íntimo é trabalhando a estética corporal, fonte do desejo exterior, aparentemente completo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a literatura produzida no estado da Paraíba, para um estudante paraibano do ensino médio, deveria ser algo havido como matéria curricular nas escolas do estado. Muitas vezes, a formação literária se dá pela apreciação do cânone, o que não é ruim, mas

restringimos o olhar para algo que está no eixo Rio-São Paulo e esquecemos que aqui na Paraíba também existe literatura de qualidade a ser apreciada. Portanto, uma proposta pedagógica que evidencie a literatura paraibana seria muito viável para a iniciação dos jovens na leitura e análise de textos poéticos. E nesta iniciação, se evidencie desde Augusto dos Anjos, autor consagrado, a autores contemporâneos, como Vitória Lima.

Os *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Paraíba* (Paraíba, 2006) preconizam que o estudo da literatura paraibana deve ser uma realidade nas escolas do estado. O documento afirma que a seleção de autores deve seguir um paradigma diferente do consagrado ensino de historiografia literária, evidenciando autores contemporâneos, dentre eles os paraibanos “(...) Sérgio de Castro Pinto, Lúcio Lins, José Antônio Assunção (...) poetas conhecidos nacional, regional e localmente pelos professores e pela comunidade acadêmica” (op. cit, 2006, p. 84). No documento não está evidenciado as poetisas do estado, mas isso está implícito na citação quando se trata dos poetas conhecidos pelos docentes e pela academia.

Uma proposta interessante, no que diz respeito à poética de Vitória Lima, em termos de sala de aula, seria o trabalho com os poemas que tematizam a questão do gênero feminino. O poema "Mulher" do livro *Fúcsia* trata das identidades femininas de outrora e do presente. Esta relação entre o passado e o atual da identidade do feminino é um campo muito propício para o trabalho interdisciplinar com a *história da mulher*. Este poema poderá ser usado como ponto de partida para uma aula de história que trate do *feminino* durante as épocas passadas e presentes. Para a aula de literatura poderá ser usado o mesmo texto evidenciando os aspectos formais e estéticos, responsáveis pela qualidade do poema, bem como refletir a temática havida nele. Além do *feminino*, outros poemas com distintos temas podem ser evidenciados. Como a poetisa possui uma propensão em evidenciar o imagético, pode-se incluir a leitura e reflexão dos poemas “Meninos & Ratinhos” e “Manhãs de novembro”, conferindo por fim um estudo da estética peculiar a cada um. Sobre o imagético, o primeiro poema lança o olhar para o Outro, os meninos e os ratinhos, um retrato da sociedade das ruas. E o segundo, a contemplação de uma infinita manhã, demonstrada na tônica de cada verso. Como são poemas com alguns pontos formais em comum, se propõe a reflexão sobre o minimalismo, característica havida em ambos. Progressivamente, se sugere que cada elemento da obra da autora, em outros poemas, vá sendo estudado, para no final de um determinado período, dentro da realidade da sala de aula, se compreenda o todo da obra da poetisa. E acima de tudo é importante que se evidencie a leitura oral, buscando o tom adequado na declamação cada poema, sempre propiciando um espaço profícuo de fomento à leitura.

Por fim, acreditamos que o estudo das poetisas paraibanas é um conteúdo bastante rico a ser considerado nas propostas pedagógicas das práticas docentes dos professores paraibanos. Além de ser uma forma bastante lúcida a fim de dar visibilidade às autoras residentes e não residentes no estado. Conhecer a cultura do lugar onde se vive é importante para que o sujeito aprecie a identidade do seu estado. Assim como é importante o estudo da *história da Paraíba*, como meio de situar o sujeito dentro da comunidade onde ele está inserido, saber quem são os autores do mesmo estado e como são suas expressividades faz-se algo necessário para incutir o gosto pela literatura produzida pelos autores paraibanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Constância Lima. Educação e ideologia: construindo gêneros. In: RAMALHO, Christina. **Literatura e Feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999.
- HISSA, Julia. Breve reflexão sobre a condição feminina ao longo dos anos. In: REIS, L. de Freitas; VIANA, L. Helena e PORTO, M. Bernadette (org) **Mulher e Literatura**: VII Seminário Nacional Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.
- LIMA, Vitória. **Fúcsia**. João Pessoa: Linha D'água, 2007.
- _____. **Anos Bissexto**s. João Pessoa: A União, 1997
- LOBO, Luiza. A gênese da representação feminina na literatura ocidental: Bíblia, Cabala, Idade Média. In:_____. **Mulher e Literatura**: VII Seminário Nacional Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.
- PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba**: linguagens, códigos e suas tecnologias. João Pessoa: s/n, 2006.
- PEIXOTO, Ana Adelaide. **Um as loas sobre Fúcsia**. Jornal A União: Suplemento literário - Correio das Artes, julho de 2007. Disponível em: http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=9143&Itemid=68>, acessado em 25 mai. 2012.
- SCHNEIDER, Liane. Quem fala como mulher na literatura de mulheres? In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros & SCHNEIDER, Liane. **Mulheres no Mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005.
- SCHÜSSLER, Regina. **Sacerdotisas sumérias**. Revista Historiador Especial Número 01. Ano 03. Julho de 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/regina.pdf>>, acessado em 18 mai. 2012.
- STEVENS, Cristina Maria T. Apresentação: A mulher escrita: a escrita-mulher? In: _____(Org.) . **A Mulher Escrita**: a Escrita-Mulher? 1. Ed. Brasília: Departamento De Teoria Literária E Literaturas, 2009.